

RESENHA

China Dreams: 20 Visions of the Future, por William A. Callahan. Oxford: Oxford University Press, 2013. ISBN: 9780199896400.

Resenhista:

Samuel André Spellmann¹

Alexandre César Cunha Leite²

Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais

Universidade Estadual da Paraíba

João Pessoa – Paraíba - Brasil

No transcorrer das últimas quatro décadas, a China tem alcançado continuamente um sucesso econômico ímpar. Seu desenvolvimento industrial, sua inserção geopolítica e sua ascensão internacional chamam a atenção há anos. A narrativa que se pode descrever para a República Popular da China (RPC) é a de um país que se tornou geopoliticamente central. É fato, portanto, que existe um novo *state of affairs* há alguns anos. Em meio a este sucesso ímpar, cidadãos chineses, dirigentes políticos e diversos formadores de opinião se indagam sobre o porvir. Qual a melhor forma para o país converter seu crescimento econômico em poderio político duradouro e ampliar sua influência cultural?

China Dreams: 20 Visions of the Future, de William A. Callahan (professor do Departamento de Relações Internacionais da *London School of Economics and Political Science*, onde pesquisa a relação entre o pensamento moderno chinês e sua antiga hegemonia), convida o leitor a observar a dinâmica da construção do pensamento coletivo chinês para além da superfície dos embates existentes entre “agentes governamentais e dissidentes”, cujos embates de grande importância são reduzidos a meras polêmicas, polarizadas entre apoiadores e opositores ao Partido Comunista Chinês (PCC). Deve-se atentar para o fato de que os dois primeiros grupos estão envolvidos em uma disputa por poder e influência com os “cidadãos intelectuais”, um terceiro grupo de interesse, gravitando ao redor, ao mesmo tempo que por vezes pertencendo, tanto ao grupo dos “dissidentes” como aos “agentes governamentais”.

A ascensão chinesa coexiste com a escalada e competição interna de uma nova geração de “agentes governamentais”. Em 2013, a China passava pela aposentadoria da quarta geração de dirigentes do PCC. Neste ano, os membros do Comitê Permanente do PCC são em maioria *taizi* (太子党), descendentes dos revolucionários originais, oriundos, portanto, de um seguimento da classe dominante chinesa. Esta é a quinta geração de líderes da China. Além disso, a atual geração de “dissidentes” seria consequência indesejada da abertura econômica de Deng

¹ samuelspellmann@outlook.com

² alexandre.leite@ccbsa.uepb.edu.br

Xiaoping, que teria dado margem a uma expansão dos espaços de discussão na China, com a explosão de atividades sociais e culturais ao longo dos anos 1980, ao passo que o Partido, e por sua vez o Estado, afrouxavam o controle sobre a vida diária de seus cidadãos. Por fim, os “cidadãos intelectuais” seriam indivíduos de notável influência que não são propriamente oficiais do Estado, mas que já foram ou podem vir a ser, e que, ao mesmo tempo, usufruem da liberdade de opinião recentemente alargada.

Além das cisões internas entre Xi Jinping e a queda de Bo Xilai, Callahan leva a refletir sobre a posição ocupada por certos indivíduos em meio a suas classes sociais e aos seus seguimentos internos, apresentando, também, grupos de interesse e filiações ideológicas. A obra expõe subdivisões próprias de uma sociedade bastante complexa, multifacetada e plural.

Ainda, dada a ubiquidade do otimismo derivado da ascensão chinesa em termos geopolíticos ao status de Grande Potência, quem apontará as possíveis falhas durante o processo de transformação do desenvolvimento econômico em poderio militar e difusão cultural? Para estrategistas militares e administradores públicos, a China se encontra em uma era de oportunidade estratégica. Ao mesmo tempo, para diversos intérpretes chineses, caso o país não passe a figurar como detentor da posição de “líder global” ainda no século XXI, seu processo de ascensão terá sido em vão.

O autor se recusa expressamente a focar nas discussões secretas do *Politburo*, preferindo acompanhar certos indivíduos em seus discursos na esfera pública, da mídia de massa e de compêndios acadêmicos tornados *best sellers*. Muito embora Callahan assuma a existência da censura por parte do Partido e de sua liderança, ele também destaca a existência de um amplo espaço para se pensar acerca dos diferentes modos de ser chinês. Ele procura dar importância e promover certa apreciação à pluralidade composta pelas várias possíveis chinas, bem como às tensões entre os “sonhos” que competem pelo controle do futuro nacional.

China Dreams: 20 Visions of the Future é dividido em seis capítulos, além da Introdução contextual, sendo concluído com exposição argumentativa de cenário hipotético. *Officials, Dissidents, and Citizen Intellectuals* aborda a vida pessoal, a trajetória familiar e a ascensão e disputa pelo poder de alguns *tanzi*, notadamente Xi Jinping. Do contorno da passagem geracional de Hu Jintao, segue-se para a cristalização do sonho chinês de Xi Jinping, expondo também dois cidadãos intelectuais, Zhang Wei-wei e Pan Wei, expoentes do debate contemporâneo do “sonho chinês”, variando do estudo do renascimento chinês, enquanto condição atrelada ao seu passado à visão da China, enquanto único Estado Civilizacional do mundo. Ao final, Callahan estabelece três cenários para o futuro da China: A convergência e coexistência multipolar global; a

combinação de valores ocidentais com valores chineses, formando uma nova civilização global; e a divergência entre potências e o direcionamento global para a Orientalização.

No capítulo posterior, *Strategic Futures and the Post-American World Order*, há um debate sobre a política externa chinesa, apresentando o ponto de vista da “construção de um mundo harmonioso”, do ex-presidente Hu Jintao, e o comparando a duas visões de futuro vindas de cidadãos intelectuais. O autor apresenta Zhao Tingyang e a Coronel Sênior Liu Mingfu, autores que respectivamente desenham tanto uma visão “Idealista” de uma ordem mundial condicionada pela hegemonia chinesa, como também um olhar “Realista” ao propor uma dinâmica de *power politics* e competição estratégica dirigidas por Beijing para décadas futuras.

O capítulo três, *The China Model and the Search for Wealth and Power*, aborda o modelo de desenvolvimento econômico chinês. A tensão entre livre mercado e planejamento estatal em larga escala são observados, de modo a se compreender divergências e convergências político-econômicas. No quarto capítulo, *Cosmopolitan, Fundamentalism, and Racialist Dreams*, Callahan aborda a dinâmica do que é se equiparar aos Estados Unidos como potência e como isto transcende a ordem econômica, tomando outros aspectos da vida social chinesa. Parte disso acompanha o capítulo seguinte, *Shanghai's Alternative Futures and China's New Civil Society*, em que o simbolismo de Shanghai em sua dualidade de ideário da modernização nacional e de cidade marcada pela dominação semicolonial estrangeira aparece. Ao final, o quinto capítulo aborda a vida do blogueiro Han Han e a construção de uma nova sociedade civil na RPC.

Em *The American Dream and Chinese Exceptionalism*, sexto capítulo, Callahan compara o significado dos sonhos americano e chinês, ligados cada qual a uma noção de excepcionalismo em particular. Se o sonho americano se volta a liberdade individual, o sonho chinês se direciona ao rejuvenescimento nacional. O livro finaliza com o capítulo *Scenario, A Chimerican Dream*, em que são sublinhadas as conexões entre opostos tidos como hostis, como Ocidente e Oriente, bem como fundamentalismo e cosmopolitismo. Callahan prefere apontar para as estranhas confluências entre ambos os sonhos abordados no capítulo anterior, de modo a antever consequências para o Ocidente do novo papel da China no plano global.

China Dreams apresenta um Xi Jinping recém empossado e uma China que ainda carregava tensões provenientes da disputa pelo poder central. Pode-se ver que este embate se traduziu em uma disputa pelo controle do *sonho chinês*, e, em última medida, pela escrita do futuro. O livro constitui uma ótima introdução aos estudos do pensamento político contemporâneo da China, ocupando lugar de destaque para os que buscam conhecer a formação do ideário coletivo chinês, sendo um excelente “quem é quem” na República Popular.